

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0016296

F

394.263

L732



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ARY DE LIMA
Deputado Federal

24º ANÍVERSÁRIO DE MARINGÁ

Discurso proferido na sessão
de 7 de maio de 1971

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1971

F 328.32
L732v



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ARY DE LIMA
Deputado Federal

24º ANÍVERSÁRIO DE MARINGÁ

Discurso proferido na sessão
de 7 de maio de 1971

F
328.32
L732

B.0016296

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1971

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F50	18/5/73

O SR. ARY DE LIMA: (Lê)

Sr. Presidente, nobres Congressistas, nos idos de 1952, pela primeira vez, tivemos a felicidade de pisar as terras do chamado norte do Paraná, na região mais conhecida, na atualidade, como Norte Novíssimo.

O que nossos olhos contemplaram, quase que assustados, foi uma luta diferente, uma batalha desigual nos seus aspectos, porque o homem não digladiava nos combates naturais que a vida lhe oferece, todavia guerreava contra uma floresta milenária, intrincada e selvagem, rasgando picadões e abrindo clareiras que passavam a desnudar a terra roxa, pronta para receber as festas do progresso e da civilização.

Era uma multidão que trabalhava, constituída de brasileiros de todos os Estados e formada também de filhos de outras pátrias além-mar, todos comungados no mesmo ideal de legar ao Brasil a civilização empolgante e esplendorosa que hoje se avista naquela região antes avêssa ao progresso.

Ranchos brotavam, à toa, como por milagre, do chão negro das queimadas, e os picadões, à maneira de rodovias improvisadas, deixavam passar veículos provenientes dos mais afastados rincões.

Tudo isso era atraído pela propaganda das fertilíssimas terras do norte do Paraná, levada aos extremos da Pátria pela atual Companhia Melhoramentos, que, pelos métodos originais de colonização, impunha a confiança que todos esperavam para nascimento de novas áreas que viessem impulsionar o Paraná, dentro do Brasil.

No mapa verde da floresta foi esculpido o futuro da grande cidade, cidade planejada, obediente aos mais modernos processos de urbanização e às mais exigentes normas de comunidade, que viessem servir de desafio ao porvir e de exemplo às gerações vindouras, como símbolo avantajado de um pioneirismo corajoso e eloqüente, e como afirmação de quanto pode o trabalho persistente, mesmo tendo contra si a barreira verde de uma floresta.

Assim, bem assim, filha da altivez e do amor à Pátria, nasceu Maringá, hoje conhecida pelo apôsto iluminado de "cidade-canção".

recebendo o nome batismal na inspiração sublime da música e da poesia de Joubert de Carvalho, como justa homenagem às levas de nordestinos que, espantados pela seca que lhes calcinava a terra, emigraram para a região, trazendo, nos olhos, a saudade do berço natal e, na voz, a reminiscência dolorida da cabocla Maringá.

Dizem mesmo os que antes de nós chegaram àquela região que a canção Maringá, seguidamente cantada pelos filhos do Nordeste, era uma espécie de compasso ao vigor das derrubadas, uma estranha cadência à vibração dos machados decepando árvores, e das foices e facões rasgando picadas para mostrar clareiras.

Assim, bem assim, filha de brasileiros de todos os Estados e de famílias de tôdas as pátrias, traduzindo um grito de pioneirismo escutado nos confins do Paraná e do Brasil, filha da música e embalada pela poesia, assim, bem assim, nasceu Maringá, cidade diferente, cidade planejada, que vê passar, agora, os seus vinte e quatro anos de vida — vida pujante, vida eloqüente, vida que tem atraído olhares assustados do Brasil para a visão de seu progresso e de sua civilização, vida abastada que a coloca, no calor de sua mocidade, como a terceira grande cidade do Paraná, mandando, para esta Câmara, quatro deputados federais, pioneiros também de seu desenvolvimento e nascimento.

Quem contempla a Maringá de hoje nem pode conceber ter-se tornado ela metrópole esplendorosa da atualidade brasileira, arrancando lágrimas de alegria dos olhos de antigos pioneiros, que a viram lambuzada de barro ou vestida de pó vermelho, enfeitada de ranchinhos cobertos de palmas, iluminada por luas abertos no céu ou por lampeões de chama pálida e mortiça.

Quem divisa Maringá, nesta semana de seu aniversário, nem pode alimentar a crença de que os picadões de outrora são as majestosas avenidas da atualidade; que a primeira cruz — dois pedaços mal lavrados de uma perobeira caída — viesse a tornar-se em imponente catedral, cujas linhas arquitetônicas são delícia de turistas e de estudiosos.

Quem avista a Maringá de hoje, vestida de praças as mais suntuosas do interior brasileiro, duvida que edifícios que parecem querer furar as nuvens nada mais são que confortadoras lembranças dos ranchinhos pobres e miseráveis, surgindo como o primeiro milagre do progresso.

Quem vê a Maringá de hoje, cortada de ruas e avenidas ornadas de um verde que, na expressão do poeta J. G. de Araújo Jorge, "parece explodir das árvores", não pode acreditar que elas representam os picadões de vinte e quatro anos passados e as clareiras abertas na mata virgem.

Quem deixa olhos na Maringá de hoje, interroga a si mesmo, entre admirado e descrente, se as faculdades que ela ostenta, conduzindo a mocidade para o ensino superior, são reflexos das primeiras escolas de madeira e fruto das primeiras professoras, ensinando, pacientemente, filhos e filhas de pioneiros.

É de admirar-se, agora, na mocidade de Maringá, que em tão pouco tempo, ressuscitando de uma floresta virgem, viesse ela a tornar-se na cidade-líder de vastíssima região, ponto de irradiação de progressos sem conta, centro universitário, base de cultura, respeitada e admirada em todos os setores de sua vida, agigantando-se mais a cada dia que passa, completando o sonho dos que a idealizaram cidade-civilização, cidade-trabalho, cidade-realização, cidade Brasil Novo.

Se trazemos a realidade maringaense para o Plenário desta augusta Câmara, é que o aniversário de Maringá, terra que adotamos para complementação de nossos ideais, deve servir de exemplo o mais palpitante a quantos, olhos postos na grande Pátria, procuram desvendar o futuro para elevação de nossa terra aos olhos de outrem.

Se trazemos a realidade maringaense para este Plenário, é porque sentimos o seu presente de maravilhas um livro aberto a ser lido e compreendido pelos homens de boa vontade, retratando o Brasil Novo, distanciado, às vezes, do conforto e bem-estar de regiões litorâneas, afastado, não raro, da vida rotineira, ao deus-dará da sorte e do destino, para buscarmos um Brasil que se avança do interior, que vai buscar riquezas nas suas regiões geográficas, derrubando florestas milenárias, enfim, um Brasil que não se impressiona com a parede das montanhas, que atravessa rios, que devassa empecilhos, oferecendo, a olhos abismados de comodistas, um panorama novo, impressionante, maravilhoso e soberbo.

Nos idos de 1947, Maringá descortinou-se assim para uma madrugada de progressos, na mesma caminhada do Brasil de hoje, que levantou Brasília no Planalto e desbrava a Amazônia numa corrida vertiginosa para o futuro.

A realidade maringaense, iniciada apenas há duas décadas, antecipa muito bem o que será o Brasil do porvir, com o progresso acenando para regiões antes selvagens, inaproveitadas pela Pátria, que as tinha, é verdade, como simples balada poética, enfeitando a sua extensão geográfica, lembradas tão só pelos que decantavam belezas vivas, mas apagadas à civilização, divorciadas do progresso, afastadas da aproximação de grandes realizações.

A Maringá de hoje, no calor de sua mocidade, fala, e muito alto, aos ouvidos da Pátria.

Conta, nas fronteiras de seu município, que a floresta, derubada em nome do progresso, ressuscitou o esqueleto das árvores no verde dos cafézais alinhados na distância, até o sem-fim dos horizontes, oferecendo à Pátria-Mãe recursos extraordinários de poder econômico.

O Sr. Aldo Fagundes — O belo discurso de V. Exa. é uma aula de brasilidade. O progresso e o desenvolvimento que chegaram a Maringá e a várias regiões do Paraná é o que desejamos seja presente a todos os rincões do Brasil. É o mais notável, nobre colega, é que isso tem sido possível pelo esforço de brasileiros, uns do Norte, outros do Sul, mas todos brasileiros, porque somos um só povo e uma só Pátria. Congratulo-me com V. Exa. pelo discurso que profere e me associo às merecidas homenagens ao bravo povo de Maringá.

O SR. ARY DE LIMA — Muito obrigado ao nobre colega. As palavras de V. Exa. nos servem de intenso conforto.

A Maringá de hoje, no ardor de sua juventude, acena para o Brasil inteiro, e fala do poder miraculoso da terra roxa, onde a agricultura se agiganta para abastecimento de mercados consumidores.

A Maringá de hoje, no orgulho de sua mocidade, exhibe ao Paraná, ao Brasil e ao mundo quase assustado, o milagre de uma civilização que reúne cerca de duzentas mil criaturas, que não se entregaram apenas à conquista de bens materiais, contudo ajoelham-se à sombra da Cruz de Cristo, numa catedral imensa, conjunto de belezas arquitetônicas, em mais sete templos de fé católica e dezessete outros evangélicos, que, na voz de sinos cantando o misticismo das Ave-Marias, ou em corais perpetuando a glória de Deus, tornam-na uma espécie de terra abençoada da Promissão.

A Maringá dos vinte e quatro anos de idade pode exclamar, para o Brasil Novo de hoje, que não abastece apenas lares e celeiros, com o trigo e a soja, com o milho e os cereais, com o amendoim e o algodão, com o café que dá divisas para a Pátria, todavia, muito mais do que isso, imortaliza-se em obras assistenciais de amor ao próximo:

— É o Lar dos Velhinhos amparando àqueles que, em tempos mais felizes, sabiam sorrir e amar, percorrer distâncias e suportar o trabalho de sol a sol, mas agora, sem forças e sem ideais, pisoteados pelos anos, encontram mãos amigas que os socorrem e palavras de ternura que os animam, dentro da vida.

É o Lar Betânia de Maringá, recolhendo criancinhas de um dia até cinco anos de idade, e que não encontraram, nas veredas do

destino, o amor de um papai, as carícias de uma mãe e os folguedos que só a infância lhes poderia dedicar.

— É o Albergue Noturno, recolhendo infelizes que dormem jogados na calada das noites, desiludidos, doentes, maltrapilhos, desgraçados.

— É o Lar Escola da Criança, arrebanhando meninos que poderiam, em dias do futuro, lotar cadeias e penitenciárias, porém, assistidos e agasalhados pelo amor cristão, tornar-se-ão homens honrados de amanhã, úteis à coletividade e perfeitos cidadãos da grande Pátria.

Maringá, na semana em que completa aniversário de jovem, bonita e formosa, não quis aconchegar-se somente à vida material, à vida do espírito e à vida cristã. Não! As riquezas da cultura também a envaidecem como centro novíssimo.

— São dois jornais diários, externando acontecimentos regionais, nacionais e internacionais.

— São quatro emissoras que acordam, em seus prefixos, com a canção de Joubert de Carvalho, levando, ao Paraná e estados lideiros, o talento de seus filhos e a cultura de sua gente.

— É uma Faculdade de Direito preparando moços e moças para o culto à Justiça.

— É uma Faculdade de Filosofia aprimorando jovens, preparando-os para o sacerdócio da instrução, para a batalha redentora do ensino.

— É uma Faculdade de Ciências Econômicas adestrando técnicos para a grande era do desenvolvimento nacional.

— É uma Faculdade de Engenharia oferecendo, ao Brasil de amanhã, homens que levantarão edifícios, e dividirão terras, e traçarão rodovias para a marcha ascensional do progresso.

— É uma Universidade que se levanta, num vasto terreno de quarenta alqueires, e de onde Maringá exhibirá a cultura a ser espalhada para os seus filhos e para filhos de outras terras.

— São dezenas de grupos escolares e quase uma centena de escolas municipais e rurais, abrindo inteligências a caminho do ensino médio.

— São sete estabelecimentos oficiais e outros tantos particulares, descerrando portas de faculdades e de universidades. Enfim, uma família de cerca de quarenta mil almas, buscando, nos livros e nas salas de aula, os verdadeiros caminhos iluminados do futuro.

Maringá, nesta semana de seu aniversário, até relembra, no romantismo terno das reminiscências, o seu passado tão próximo, distanciando apenas em duas dezenas de anos.

Os pioneiros que ali residem, nem acreditar podem que o asfalto vestiu os picadões vermelhos; que arranha-céus se coloquem em ranchinhos, nascidos, à toa, na terra roxa; que milhões de cafeeiros tomassem conta da floresta, em nome do progresso; que praças as mais belas, vestidas de um verde que não é anêmico, viessem a ocupar o lugar de clareiras antes abertas na mata virgem, quando a cidade era o mapa desenhado no corpo selvagem da terra; que velhas casas de madeira se transformassem em agigantadas casas comerciais ou em estabelecimentos de indústria, refletindo riquezas na fumaça escura das chaminés. Não! Os pioneiros que ali ainda residem não choram mais o bem-estar da civilização que deixaram, um dia, nos seus Estados de origem, mas choram, sim, de emoção ante tamanhas maravilhas que as suas mãos plantaram.

Esta, Sr. Presidente e nobres Congressistas, a Maringá que comemora vinte e quatro anos de vida. Maringá pujante, Maringá mûca, Maringá que deu exemplos de reforma agrária com a imposição de minifúndios no processo de sua colonização; Maringá que atraiu para os limites de seu município os filhos do Brasil; Maringá cosmopolita; Maringá, filha da música e da poesia; Maringá, exemplo de Brasil Nôvo, de Brasil que se afasta do litoral e das cidades centenárias para a contemplação soberba do sertão, onde tudo sorri, tudo extasia, na paisagem iluminada do céu, na promessa dadivosa da terra e nas belezas que as mãos de Deus, prôdigamente, semearam em terras do Brasil.

Esta, Sr. Presidente e nobres Congressistas, a Maringá que desejamos trazer hoje para o Plenário desta Casa, pois, sendo ela conhecida na primavera dos seus minguados anos, conhecer-se-á a própria grandeza de nossa terra, a coragem de seus filhos ousados e intrépidos, afeitos a grandes batalhas de pioneirismo, onde o prêmio das lutas e dos sacrifícios é medido, exclusivamente, por ofertas de amor à Pátria e benefícios oferecidos a um Brasil Nôvo.

E esta augusta Casa, Sr. Presidente, que já rendeu suas homenagens a outras grandes cidades, erguidas pelo trabalho valoroso de seus filhos, tem, agora, em Maringá, um símbolo também de grandeza e orgulho nacionais.

Porque Maringá

é brado de pioneiros,
de valentes caminheiros,
em marcha pelo sertão,
na grande luta selvagem
onde apenas a coragem
podia jogar, no chão,
a floresta extraordinária,

que dormia, milenária,
à toa, na solidão.

É batida de machados,
com força no ar vibrados
para rasgar as picadas,
São foices abrindo trilhos,
afastando os empecilhos
para futuras entradas.

Maringá

é a fala do imigrante,
homem, mulher ou criança,
que de uma pátria distante
veio buscar a esperança.

É a dor de nordestinos,
espantados pelo céu,
atrás de novos destinos,
sonhando um nôvo troféu.

É a voz da simplicidade
dos ranchinhos do sertão,
largados na imensidade,
saindo, à toa, do chão.

É o canto de brasileiros,
de Norte e Sul do País,
sempre alegres e ordeiros,
buscando um mundo feliz.

É a multidão que trabalha,
na mais sublime união,
que o mesmo céu agasalha
como um povo sempre irmão.

É o linguajar diferente
de pátrias feitas irmãs,
que o mesmo sol esplendente
aquece à luz das manhãs.

Senhor Presidente, ao encerrarmos nossa modesta oração, mais perfumada a golpes de machado derrubando matas para ressurreição do progresso, pois só assim compreendemos a vida exuberante de Maringá, finalizando as nossas palavras, exclamamos para a cidade-canção, para a Maringá, exemplo de Brasil Nôvo:

Maringá,

contempla, confiante, a luz que te espera
em dias que virão,
para que os teus filhos de outra era
tenham em ti a eterna primavera
de filha do sertão.

Não se esmoreça, nunca, a marcha impressionante
dos teus passos de criança,
mas eternize Deus, em teu semblante,
a paisagem feliz e deslumbrante
da mais linda esperança.

Que aos olhos do Brasil, que o teu nome fascina,
conquistes a vitória
de sendo assim cidade tão menina,
retratares a bênção que ilumina
o teu mundo de glória.

Lembre sempre tua graça a gente que, um dia,
na canção imortal,
quis fazer-te irmã gêmea da poesia,
linda filha de eterna melodia,
à hora batismal.

Pasmem diante de ti, agora, os pioneiros
que outrora te sonharam,
e os valentes e fortes caminheiros
que nas matas, audazes forasteiros,
os teus passos velaram.

Chorem, chorem de alegres, olhos assustados
ante tanta beleza,
os que te viram pobre, em picadões,
pouco a pouco arrancada aos teus sertões
e à bruta natureza.

Mas frente ao que tu és, tão linda, tão contente,
de risonho perfil,
que se ajoelhe a geração presente
e o teu nome sublime, aurifulgente,
ofereça ao Brasil.

Era o que tínhamos a dizer, Sr. Presidente. (*Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.*)